

## Vilhena o Historiador de Caxias

Celso Maria de Mello Pupo

Do Rio, o escritor Soares Brandão Neto, autor da recente e apreciada obra "Glorioso Passado", nos manda o poema "Bárbara Eliodora", que, com rimas, conta a vida de Bárbara, do berço até vê-la "buscando para o corpo, exausto de margura, ao pé do velho altar, a paz da sepultura". É Eugênio Vilhena de Moraes, o autor do poema.

De mais de trinta anos são os livros "O Duque de Ferro", "O Gabinete Caxias" e "Caxias em São Paulo", de Eugênio Vilhena de Moraes, o intelectual dos que mais conhecem a vida e a obra do grande patrono de nosso Exército. Suas pesquisas, levadas com a dedicação de um encantado que mais vislumbrava o fulgor de uma vida heróica, de uma vida de grandezas morais, de patriotismo, de desprendimento, de dedicação de generosidade; uma vida de guerreiro pacificador que só usou da espada com alta honra, que só venceu dignificando o vencido, fez de Vilhena de Moraes, em suas obras, o historiador honesto, de equilibrado julgamento, sabendo beber o sentido documental e sabendo colher o significado interlinear, como só aos mestres é concedido.

O livro "Caxias em São Paulo", tem especial interesse para os campinenses. Colabora para derimir uma dúvida e para confirmar ou desmentir a lenda ou a verdade de que Caxias esteve em Campinas, pernoitando na Fazenda Chapadão, onde ainda existe uma cama na qual teria dormido o Pacificador. Esta fazenda, então engenho de indústria açucareira, portencia ao Major Luciano Teixeira Nogueira, chefe revolucionário cuja família, certamente, se teria acolhido em sua casa urbana, construída em todo o terreno em que está o prédio Francisco Glicério, onde se instala a livraria M. Teixeira, na avenida principal da cidade.

O livro de Vilhena de Moraes, à página 63, revela o cuidado de Caxias em atender às notícias de Campinas que se achava em véspera de ser ocupada pelas forças liberais, reunidas no Engenho da Lagoa, desabitado desde a morte do seu fundador e proprietário, Major Teodoro Ferraz Leite, em 1837.

Caxias, diz Vilhena, "ordenava ao tenente-coronel José Vicente de Amc-rim Bezerra, veterano das lutas da Bahia em 37 e 39, e da campanha do Maranhão, e ademais bacharel em letras pela Universidade de Paris, fosse ocupar sem demora a cidade de Campinas, ameaçada pelos revoltosos. Comandando a força expedicionaria, marcha no dia 3 de junho, José Vicente, às três horas da madrugada, da ponte do Anastácio", e, "forçando a marcha, chega às 2 hora da tarde em Jundiaí", no dia 5; "vai chegar a Campinas às 10 horas da manhã de 6". No outro dia, "ordena então uma sortida, com força de cavalaria do Padre Ramalho, auxiliadas por 120 infantes do batalhão 12, artilheiros e guardas nacionais". Dissolvidos os revoltosos, foram sepultados os mortos no dia 8, refazendo-se as forças imperiais da marcha forçada e do combate da Venda Grande.

Em São Paulo, "deixando, a 11 de junho, sob o comando do coronel José Leite Pacheco, uma força de 400 homens emboscada na fazenda do coronel Prado", "saiu Caxias, à meia noite, para proteger-lhe o ataque, à frente de 600 homens". "Acampado na referida fazenda do Cel. Prado, fez Caxias, no dia 12, véspera de Santo Antônio, sempre com o favor das trevas e do frio, partir o coronel Leite Pacheco com seus 400 caçadores afim de, marchando pelo flanco esquerdo, atacar o inimigo de revés, enquanto à testa do restante das forças, atacá-lo-ia pela frente o próprio general". "Na véspera, porém, chegara ao campo adversário, a triste nova do desastre de Campinas".

Pelos dias do combate da Venda Grande, e da chegada de triste notícia a São Paulo, confirma-se um lapso de três dias para uma viagem entre Campinas e São Paulo. O Barão de Caxias não podia, assim, saber do resultado do ataque às forças revolucionárias da Venda Grande, antes do dia 11, quando já estava ele à frente de suas tropas em movimentação na região de Pinheiros.

Seguindo-se seus trabalhos diários a partir destas datas, apura-se que dia 13 estava ele em Barueri de onde distribuiu uma proclamação; a 15 já o coronel Leite Pacheco "fora ocupar a cidade de Itu, abandonada pelos rebeldes. Amorim Bezerra comandava a coluna de Campinas; o major Bloem estava à testa da Fábrica de Ferro de São João de Ipanema. Todos três receberam, então, no dia 15, ordens terminantes de Caxias para, a marchas forçadas, virem fazer junção com ele no Alto da Boa Vista a um quarto de légua, mais ou menos, de Sorocaba".

Vê-se, assim, que desde o dia 11 da chegada da notícia do desastre da Venda Grande, Caxias estava em perseguição aos revoltosos, de Pinheiros para Sorocaba, sobre a qual marchavam, comandadas pelo Barão, três fortes colunas", que ocuparam a cidade. Em seguida, como conta Vilhena de Moraes (página 145), Caxias "sem dormir sobre os louros da vitória, trata logo, prudente capitão, de ausentar-se de Sorocaba, onde já não tinha que fazer, dirigindo-se primeiramente a Itu, afim de dar um ar de sua graça pelas Vilas do Norte que ameaçavam ainda a tranquilidade de Província".

É o mesmo Vilhena que à página 152, transcreve ofício dirigido ao presidente da Província por Caxias, e datado de Itu em 20 de junho, enquanto João Batista de Moraes, transcreve proclamação de Caxias datada do "Quartel General do Exército Pacificador na cidade de Sorocaba, 21 de junho de 1842"; teria voltado Caxias de Itu para Sorocaba? O ofício de Itu estaria antedatado? Se no dia 20 entrava Caxias em Sorocaba, tomava providências, prendia Feijó visitando-o, e ainda perseguia fugitivos, como poderia estar em Itu? Diz ainda Vilhena que Caxias "fizera já também a sua entrada, a 23 de junho", na cidade de São Paulo.

Estando Caxias em Sorocaba no dia 21, e em São Paulo no dia 28, restou-lhe o lapso de 22 a 27, seis dias, que nos parecem exíguos para uma viagem a cavalo, de Sorocaba a Itu, Indaiatuba, Campinas, Engenho do Chapadão, Venda Grande, Jundiaí e São Paulo novamente. Se fez esta viagem, a fez incógnito, sem registro de sua passagem pelas cidades, o que Campinas terá de esclarecer e registrar em sua história.